

O cuidador de gatos: para todos, para nenhum e para ninguém¹

Augusto BOZZ²
Alfredo COSTA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças, MT

RESUMO

O jornalismo informativo e, em especial, o lead como ferramenta de uso jornalístico, trabalha de forma atual, periódica e factual. Esta reportagem tem como objetivo quebrar os elementos do jornalismo tradicional (imparcialidade, objetividade) e incentivar a potencia criativa do jornalista. Para tanto, uma pequena aproximação com o jornalismo literário se fez necessário. Empregamos também elementos dos textos trágicos gregos e metáforas nietzscheanas. O resultado obtido foi um texto com característica estrutural marcante e com uma temática potencialmente forte.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem; Técnicas Jornalísticas; Experiência; Estética;

INTRODUÇÃO

Com o advento de novas práticas jornalísticas – *new journalism* ou Gonzo, por exemplo – o critério e a tríade do jornalismo informativo dos fervorosos últimos dois séculos, o conhecido tripé atualidade, periodicidade e factualidade, foram implodidos, dando vazão à sub-reptícia interdisciplinaridade estética da reportagem.

Antes da emergência e da tomada de visibilidade do jornalismo literário, a estética romanesca, o uso de narrativas e perspectivas dos personagens já estavam presentes em trabalhos jornalísticos. Segundo Felipe Pena (2006), a literatura esteve presente desde as primeiras publicações, logo após a invenção dos tipos impressos, meados do século XVII ao XIX, quando os escritores tomaram conta dos jornais. Mas o jornalismo literário, tal como o chamamos, não têm continuidade com a estética literária dos séculos anteriores. Estes são *folhetins*, partes de romances publicados periodicamente em jornais – e podemos citar o expoente romancista e fracassado jornalista Honoré de Balzac. Quanto ao vulcânico jornalismo literário que entrou em atividade após 1950, a sua estética converge muito mais para elementos de referência do real, características do cotidiano – e podemos até perceber

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo informativo.

² Aluno líder do grupo e estudante do 3º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Hab. Em Jornalismo, email: Augusto_bozz@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Hab. Em Jornalismo, email: Alfredo.costa@gmail.com.

semelhanças com o *realismo* – do que para um romance em si mesmo. Trata-se de uma hermenêutica do cotidiano.

Tendo em vista essa tomada de multiplicidades para reportar um acontecimento, a reportagem aqui descrita tem um caráter menos informativo do que literário. Isto porque a disciplina de *Técnicas de Reportagem e Entrevista*, para qual esta reportagem foi elaborada, possibilitou ultrapassar os limites da pura informação, sem subjetividade e sem parcialidade, para penetrar na zona da estética: na experiência estética cotidiana.

A reportagem intitulada *O Cuidador de Gatos* trás, em si mesma, muito menos uma teoria ou práxis do jornalismo, textual, do comportamento em entrevistas, de busca de dados ou fontes, do que uma experiência estética da vida. Por isso, o ponto comum da reportagem não foi fundamentalmente a objetividade e a verdade do fato, mas o simples viver cravado no devir estético-textual. “Como alguém se torna o que é?” é a pergunta que, do começo ao fim, movimentou esta reportagem-experiência e acentuou o desvario filosófico do viver. Posto isso, podemos afirmar desde já que esta reportagem não é essencialmente literária, mas, dentre todas as práticas jornalistas, esta é a que mais se aproxima.

2 OBJETIVO

A reportagem tem um duplo objetivo: o primeiro, que é para a disciplina de *Técnicas de Reportagem e Entrevista (TRE)* e, o segundo, que é o espaço para o exercício da potência criativa. Em todo caso, um que seria a elaboração da reportagem como ferramenta pedagógica da disciplina de TRE e outro que seria para criar e vaguear a Vontade na tentativa de multiplicar as maneiras de pensar, fazer e ser jornalista.

O primeiro consiste em fazer dos eventos do dia-a-dia um ponto de curvatura para atender as demandas da disciplina e, por isso, fazer dessa ferramenta uma possibilidade de convergir a teoria e a prática transmitida em sala de aula no espaço cotidiano. Neste caso, os suportes teóricos e éticos, os manuais e os guias servem como base de consulta – e porque não adestramento – para que o aprendiz de jornalista consiga romper com certos obstáculos frenéticos da contemporaneidade. Não só, as disciplinas de *Produção de Notícia*, *Redação Jornalística* e *Fotojornalismo* também foram de extrema importância para dar suporte à concretização deste objetivo.

Quanto ao segundo, a reportagem como espaço para o exercício da potência criativa, consiste em fazer dela um ponto de inflexão do meio jornalístico para apreender outras dimensões da vida cotidiana. Ou seja, no momento em que a reportagem se torna o espaço para o livre exercício da Vontade criadora, ela se metamorfoseia, deixando de ser apenas texto informativo, e se torna capaz de lançar luz a outros níveis, dando forma diferente a objetos até então com contornos absolutos. Também se torna estrutura estratégica para analisar a própria maneira de ser jornalista.

Enfim, os objetivos acima citados são como momentos de “uso” da reportagem; objetivos que se ligam para formar um olhar sobre o próprio olhar. O que é o exercício prático senão a possibilidade de torcer, romper, martelar e cortar aquilo que é posto como universal? Ou seja, “Existem momentos na vida em onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (FOUCAULT, 1998, p. 18).

3 JUSTIFICATIVA

Na tentativa de fugir do superficial⁴, os jornalistas estão recorrendo aos livros-reportagens ou ao jornalismo literário como forma de dar profundidade aos temas abordados. De acordo com Felipe Pena (2006), a reportagem é um recorte, mesmo que mais complexo que a pura notícia corriqueira. Ponto comum: a reportagem é uma produção espaço-temporal detalhada da veloz realidade que tece vários pontos-cruz no cotidiano.

Tentar apreender a realidade requer certas técnicas de escuta, de olhar, de falar e descrever. Manifesta-se o velho imaginário jornalístico: captação e impressão do real no papel. Esta *epistème* esteve absoluta no jornalismo do início do século XX⁵: era fundamento essencial para o jornalismo: Teoria do espelho. Outras teorias apareceram para decompor esta teoria do espelho, da mesma forma apareceram outras práticas para cremar certas técnicas vinculadas a esta teoria, mas todas jogavam com um único elemento: o real.

O jornalismo literário utiliza-se de certos instrumentos contrário ao velho *Lead*, mas faz parte do mesmo mecanismo, que é geral ao jornalismo: “o emprego da

⁴ Segundo Guzzo e Teixeira (2008) “Uma das maiores dificuldade dos jornalistas nas redações é cobrir um acontecimento e dar a profundidade merecida na investigação. Nos meios de comunicação convencionais a matéria geralmente possui um enfoque superficial...” (GUZZO; TEXEIRA, 2008, p. 2)

⁵ De acordo com Ângela Moraes, é a “teoria oferecida pela própria ideologia profissional dos jornalistas ocidentais. Ela responde que as notícias são como são porque a realidade assim as determinam” (MORAES, 2011, p. 41).

subjetividade como recurso para a apreensão da realidade” (SANTOS, 2005, p. 2). A não utilização da ficção no jornalismo parte do princípio do direito à informação que cada cidadão tem⁶, por isso a ficção reserva-se a outros gêneros, por exemplo, o literário. Desta forma, o jornalismo literário emprega alguns efeitos estilísticos da literatura apenas a título de manifestação, ou, dito precariamente, de índice do real.

Podemos dizer, de certa forma – se tomarmos emprestado a noção de função enunciativa do Filósofo francês Michel Foucault⁷ –, que os mesmo instrumentos presentes na literatura ficcional podem estar presentes no texto jornalístico, mas não tomam um referencial ficcional, pois no jornalismo não cabe a ficção. Ou seja, além de operarem estilisticamente no relato jornalístico, tais instrumentos ainda servem para apreender o real: a narração, os detalhes das cenas, a descrição dos personagens, o emprego de status e movimento, são exemplos dessas técnicas.

Na reportagem *O Cuidador de Gatos*, os elementos de narração, movimento, descrição de cenas, etc., não foram utilizadas para apreender a realidade. Mas exclusivamente para ter um efeito estético ao texto. Isto porque o real não é o fundamento inexorável desta reportagem, e sim a experiência de vida, quer o leitor interprete como realidade pura e sem distorção ou como criação artística.

Esta escolha de não reportar “o” real, mas as cenas desenroladas ao jornalista, deveu-se ao fato do texto ter operado em ressonância ao teatro e à tragédia grega. O essencial não é “a” verdade, e sim a experiência encarnada no que o personagem é e a tal ponto epidérmica que causa um *abalo* em quem descreve e em quem lê. Por isso o rigor estético, a precaução da descrição das representações que o personagem tem diante dos olhos da sociedade e o cuidado com o desenrolar das cenas apresentadas.

Enfim, outro ponto chave desta produção jornalística é o critério temático: vida. Como toda tragédia, o destino final é sempre – evidentemente – trágico: Édipo, por exemplo. Como a vida é posta a si mesma quando o destino final é trágico: viver ou morrer?⁸ A vida adquiriu, em nossa sociedade contemporânea, um valor insubtraível: mas

⁶ Para Eugênio Bucci, “ao jornalista cabe perseguir a verdade dos fatos para bem informar o público, que o jornalismo cumpre uma função social antes de ser um mercado, que a objetividade e o equilíbrio são valores que alicerçam a boa reportagem” (BUCCI, 2008, p. 30), além do direito a informação prevista em lei.

⁷ Por função enunciativa, entender: “uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não (...); uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis” (FOUCAULT, 2007c, p. 98).

⁸ De acordo com Agamben, “A ‘vida indigna de ser vivida’ não é, com toda evidência, um conceito ético, que concerne às expectativas e legítimos desejos do indivíduo: é, sobretudo, um conceito político, no qual está em questão a extrema metamorfose da vida matável (...)” (AGAMBEN, 2007, p. 148).

quando ela é colocada à margem, fadada a ser infame aos olhos humanos, é possível subtraí-la? Estes elementos estiveram presentes no personagem da reportagem, Avelino Soares Neto, mendigo e ameaçado a não viver.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Diferenciamos dois métodos: de execução e de construção do texto. A reportagem se estendeu à três níveis de execução: primeiro, a pesquisa sobre o assunto, a leitura de outras produções jornalísticas semelhantes e a produção da pauta; segundo, a presença em campo, observando e dialogando com o personagem e o cenário; enfim, terceiro, a elaboração, orientação e revisão do texto. Esta sequência é um recurso pedagógico da disciplina de TRE para simular uma redação. Assim se deu a execução:

Primeiro. O critério de pesquisa, leitura de outras reportagens e a produção da pauta – com elementos mínimos como: editoria, título, breve histórico, enfoque, fontes e imagem –, todos foram regidos de acordo com a disciplina. No entanto, ficou livre a escolha da temática, bem como o tempo para desenvolvê-la e a estilística a ser usada no texto, a priori.

Segundo. Os critérios de entrevistas, fontes e busca de dados não foram determinados pela disciplina, mesmo que ela tenha levantado, amiúde, as técnicas para efetuar uma boa entrevista, conseguir informações com fontes e dados oficiais. Coube ao aprendiz de jornalista bem escolher quais técnicas utilizar ou não. Também as técnicas de observação e descrição foram erguidas em sala de aula, mas ficou a critério do aluno usá-las.

Terceiro. Após a escolha estilística da reportagem e a presença em campo, a elaboração do texto se deu juntamente com as orientações do professor. Desta forma, foi possível reescrever o texto várias vezes a tal ponto de perceber os equívocos iniciais.

A construção da reportagem, como já enunciado algumas vezes acima, adotou certos traços do jornalismo literário. Mas com alguns acréscimos provenientes dos textos gregos, como: a complementação e, tanto quanto, o sentido dos elementos, que aparecem no início do texto, após o desenrolar das últimas cenas; a presença da força do destino trágico e de algo maior que o próprio personagem principal (por exemplo, sociedade, rei, deuses, etc.). Outros oriundos dos textos do Filólogo e Filósofo Friedrich Nietzsche, como os

elementos de sua filosofia “A alegria e o Trágico”, experiência e a Vontade de Potência presentes, essencialmente, no livro *Assim Falou Zaratustra*.

As narrativas, os movimentos de cada cena, as descrições e o status dos personagens envolvidos no texto, todos esses traço foram derivados das técnicas do jornalismo literário para acrescentar – além de fugir do comum, do *lead* e outras maneiras de exercer o jornalismo informativo clássico – certo embelezamento no texto. As observações e as entrevistas se procederam com o mínimo de invasão do jornalista. Justamente para que o personagem principal, Avelino Soares Neto, mantivesse seus hábitos cotidianos e para, livremente, contar as histórias de sua vida. O método escolhido, antes de ir a campo, foi: deixar o personagem falar, e falar por ele mesmo, por mim e pelas pessoas que o ignoravam; deixar o personagem agir, e agir por ele mesmo, por mim e pelas pessoas que o ignoravam. Assim eu poderia apreender a sua conduta e seu pensar para convergir na pergunta central: “como alguém se torna o que é?”.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem, nomeada de *O Cuidador Gatos – aqui: um ser para todos e para ninguém* tem este título justamente porque o personagem principal, o mendigo que dorme na frente do abandonado banco estadual de Mato Grosso, cuidava de alguns gatos de *rua*. O elemento comum, e que é colocada implicitamente no título, é que ambos não tem donos: são de rua. O que há entre eles, aquilo que os ligam, é justamente a atenção que cada um dá para o outro nas noites vazias. Enfim, ambos são sozinhos e invisíveis para a sociedade – eis o segundo elemento do título: um ser para ninguém, mas, na reportagem, será um ser para todos lê-la. Digamos: a reportagem origina o espetáculo midiático de seu viver.

Se segue para o olho da reportagem, onde consta um resumo do que será contado. À frente: encontramos em toda a reportagem blocos de cenas – não aquelas observadas pelo aluno durante a presença em campo, mas sim cenas montadas durante a construção do texto, devido ao traço grego – também nomeadas, por exemplo, *Da Visão e do Enigma* e *Do Grande Acontecimento*, onde saltam o fundamental de cada bloco. Eis as cenas:

Primeira. Trata-se do prólogo, a apresentação do que virá no texto. Nesta parte, introduzimos breves partes da tragédia de Avelino Soares Neto, pistas do que irá se proceder e sua principal característica: viandante.

Segunda. São as primeiras impressões que o observador teve quando chegou ao local: o fato de morar em um banco *abandonado*, as mesas serem cambaias e fixadas com adesivos do PT, os desvios das pessoas que ali passavam, o clima que se pendurava, seu estado de espírito, seu gato manhoso, etc.

Terceira. Parte do primeiro dia de conversa, de suas histórias de vida e parte do principal acontecimento da história. Trata-se da visão e do enigma: a visão que o jornalista teve, quando uma conhecida apareceu, ao desenrolar o tratamento extremamente solidário de Avelino; o enigma de sua decisão de ir à Bonito, cidade turística localizada em Mato Grosso do Sul.

Quarta. Ligação com outras histórias de sua vida e complementação do enigma da cena anterior. Nomeamos *Do Grande Acontecimento*: o fato que aconteceu com Avelino e o antagonista, um coronel da cidade, que levou a sua mudança de moradia. Também temperado com metades do que o mendigo deseja para a sua vida.

Quinta. Término da decisão de Avelino de se mudar da cidade e do seu fim trágico. Trata-se daquilo que ele deseja e que terá; trata-se do seu estado de espírito; trata-se do alegre – ou melhor: do trágico e do alegre nietzschiano.

6 CONSIDERAÇÕES

Dentro desse complexo denominado reportagem, a possibilidade de exercer múltiplas operações estéticas é grande. O exercício prático da reportagem é o momento de poder estabelecer outros contornos às maneiras de fazer jornalismo. Essas variadas potencias criadoras existentes em cada indivíduo é um refúgio para os jornalistas, ou aprendizes, para sair da velha tradição jornalística de apreender o real como a única maneira de ser jornalista.

Tal como esta reportagem, onde o real é um efeito de sentido e não “a” última causa do exercício jornalístico, o jornalismo também pode variar seus modos de ser, estar e intervir no mundo. Melhor: não é preciso denunciar objetivamente ou ter que mudar algo ao redor para ser jornalística. As técnicas literárias provaram isso em sua emergência, mesmo que tenham em seu fim a captação do real; o romance-reportagem criticado por Walter Benjamin e Kracauer em meados dos anos 30 do século XX também é uma forma de fazer daquilo que se vê uma arte e, posteriormente, uma realidade.

Tratar de temas pouco vistos e com referência estética, filosófica e textual pouca reverberada na comunicação é a saída encontrada para efetuar esta reportagem descrita. Uma saída para tentar fazer um jornalismo diferente. Em todo caso, uma proposta para exercer a criatividade fora dos parâmetros do tripé atualidade, periodicidade e factualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002
- BUCCI, Eugênio. *Ética na imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras; 2000
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 2007c
_____. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1998
- GUZZO, Morgani; TEXEIRA, Níncia. *Livro Reportagem: A fuga do superficial como categoria do Jornalismo Literário*. Guarapuava: Anais Intercom região Sul, 2008
- MAIA, Juarez (Org). *Gêneros e Formatos em Jornalismo*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011
- PENA, Felipe. *Jornalismo Literário: a melodia da informação*. Rio de Janeiro: Contexto, 2006

Anexo 1 (Reportagem)

O cuidador de Gatos

Aqui: um ser para todos e para ninguém.

Créditos: André Santana

Está é parte da história de um homem invisível de 62 anos que vive as margens da sociedade, mas que não esquece de dar comida aos seus gatos e dar gargalhadas para a vida.

Prólogo

Voltei para dar comida aos gatos e ele estava lá – assim se compôs os últimos fins de Avelino Soares Neto. Agora que vou para Bonito, quero ficar e morrer por aquelas bandas – assim iniciou-se a última conversa que se pendurou até oito e meia da noite. Como alguém se torna o que é? Bem verdade: aventureiro é este viandante.

Primeiras impressões – Na cidade de Barra do Garças: solitário e calado, assim se fez Avelino e assim compõe as especiarias que ele expunha em uma mesa cambaia na



frente do abandonado banco estadual e atrás do fervoroso banco do Brasil: ele era sentinela da sua própria renda, guardada numa bolsa pendurada sob a cintura fina. O clima era, além da garoa, aguado – ele, já acostumado com os desvios brutos de olhos, nem observou o bisbilhoteiro pseudo-jornalista que não o conhecia. Mas afinal, como alguém se torna o que é? – sessenta e dois anos, quarenta e quatro andando em beiras de cidades – afinal, qual é a sua tragédia? Atravessaram o primeiro rio e abriu-se medonhamente o primeiro diálogo: “olá, *sou...*”

De lance, junto às pernas do solitário, o gato roçava carinho. Cada vez mais que o diálogo beirava o ponto intocável: o gato se embrenhava mais entre eles num grito estridente de visibilidade – tal bicho, tal dono: eram vidas esquivadas e infames. Mas não sem crédulos: o que sustentava todo aparato de trabalho e boa parte da mesa de exposição era os adesivos com as imagens da Dilma Rousseff e do Lula. Bem verdade: aventurado é este viandante.

Da visão e do Enigma – o primeiro dia foi assim: pelas metades. De um assunto Avelino trançava outro num ritmo artesão delirante: não à toa, o bisbilhoteiro descobriu que ele bordava assim que uma conhecida perguntou à Avelino: meu querido, você tem alguma linha aí?. Descobriu outra coisa que tarde chamou de “valor”, mas que no ato preferiu a expressão embutucada dos olhos: *Potência de Abalo*: na mais pura lucidez, Avelino deu para a tal conhecida todas as linhas e os bordados que tinha. Sensibilidade tocou de imediato nesta mulher e ela contrapôs a proposta com um pagamento – pensou o pseudo-jornalista: coisa que qualquer um faria quando vê um vivente de *resto* dar um pouco do seu *resto*. Ela se foi, ele guardou aquele trocado e o falso jornalista se embriagou da *visão*!

Num dado momento Avelino narrou sobre o que estava fazendo: algo meio sussurrado que o aprendiz de jornalista só pôde escutar a palavra *faxina* – eis o fundamental *enigma* que passou despercebido aos ouvidos. E novamente tudo começou a ser trançado por ele: fã de Raul Seixas, Corintiano louco e amante de carne com mandioca, limão e cerveja. Experiência só se tem consigo mesmo: nasceu na favela, viveu entre e por meio do tráfico, jogou futebol, assistiu aos jogos do *Timão* acompanhado da sua amante (cerveja e carne com mandioca e limão), cruzou a fronteira trazendo e levando drogas, deixou a companheira, o filho, a família e conheceu de leste à oeste do Brasil com muito pouco ou quase nada. Bem vivente é a ironia que jorra de suas palavras, pois é!

Mãe? – o jornalista se perguntou, com os olhos esbugalhados novamente. Dali seqüenciou para os estudos: “parei na oitava. Mas foi porque eu namorava. Esquecemos de estudar; ficávamos só namorando, sabe?!”. Já escurecia o primeiro dia e a conversa pouco varejou o ponto intocável de seu ser – assim premeditou o falso jornalista: nada de perguntas belicosas; a história é dele: que a revele como queira e que eu a veja como posso!

Do grande acontecimento – ninguém pode narrar melhor do que Avelino e assim:

– Pra fazer a reforma no Banco do Brasil, os funcionários tiveram que entrar aqui pelo banco estadual – o banco abandonado onde, na frente, o Avelino morava –, mas só que deixaram o portão aberto; depois de terminado, o pessoal não colocou o lacre de volta. Quando anoiteceu, entraram aí e levaram tudo que tinha de valor; fizeram deste lugar hotel, motel e privada! Só que, depois de três dias e de tudo que é gente ter entrado, apareceu um tal coronel e veio falando grosso comigo. Pedi pra mim ir na polícia assumir o roubo. Aí eu respondi que não, porque não tinha sido eu, oras! Ele fico uma fera e disse: eu tenho jagunço, guarda, conheço policial e meio mundo de gente... Parei, olhei pra cara dele e retruquei: você tem tudo isso e eu só tenho a vida. Se o senhor for à delegacia, eu tenho testemunha que me viu aqui no meu cantinho enquanto entravam no banco. Aí o coronel saiu bufando de raiva e foi embora.

Mudei rapidinho de lá. Quando deu outro dia, fui buscar uma caixa e dar comida aos gatos. Não é que o tal coronel estava lá me esperando. O desgraçado chutou a minha caixa e fico me xingando. Virei pra ele falando: chama a tua mulher pra vir catar tudo isso: vou adorar vê-la de quatro pegando as minhas coisas! – eis o acontecimento que virou *enigma* no primeiro dia: é que o tal coronel, durante a discussão, tinha dito para o Avelino se ele poderia fazer uma limpeza, uma *faxina* naquele local. Pois bem, Avelino fez a tal faxina, mas não teve aquilo que esperava: permanecer em paz naquele espaço – pois era tudo que desejava: calma e sossego. A primeira visita do bisbilhoteiro esteve no intervalo destas duas cenas: *A Discussão* e *Comida aos Gatos*.

Da prudência humana – assim se fez o ultimo dia: ir à Bonito. Diante de uma vida esquivada, infame e esquizofrênica aos olhos do mundo, eleva-se o trágico: o destino final insere a morte como o último fôlego de refúgio e paz; carrega a vida ao beco escuro e sem saída: inútil é a luta por mudanças. E decidiu sem hesitação: liberdade antes que tarde! Assim se fez, assim será. Não mais Avelino Soares Neto, não mais viandante – um ser transformado, translumbrado, que ria. Ninguém até aqui, na terra, riu alguém como *ele* ria! Agora suportaria viver e morrer: pois é este o destino do *cuidador de gatos*.

Quanto ao aprendiz de jornalista: anotando as últimas intensidades das gargalhadas, se foi. Não mais falso jornalista: um ser impressionado!